

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Juscelino Kubitschek
Na encruzilhada da história com a memória ...

Ana Maria Ribas Cardoso*

“Cada homem público, no termo de sua jornada, deve aos seus contemporâneos uma explicação – para lhes dizer de onde veio, como veio e ao que veio. É essa a essência deste livro, sem que o autor tenha perdido de vista, ao escrevê-lo, a verdade do versículo bíblico: ‘Deus dá ao humilde a honra da vitória’.”

Juscelino Kubitschek. *Meu caminho para Brasília – a experiência da humildade.*

Resumo: Como, por que e para quê o historiador pode escrever sobre a existência de um homem, (re)constituindo a história no tempo de uma vida? Debruçar-se sobre a trajetória do homem e presidente da República Juscelino Kubitschek, sob uma perspectiva teórico-metodológica que acolhe os vínculos, ditos, não-ditos e interditos, entre história, política, cultura e memória, enuncia como a sua biografia se fundiu, no imaginário social, à *biografia da nação*, esclarecendo o lugar dele na gestação, criação e difusão de uma cultura política entrelaçada a uma concepção de Brasil moderno. As memórias e as biografias sobre Juscelino Kubitschek - percebidas enquanto testemunhos históricos – possibilitam representar a história através de um homem e ressignificar certa leitura do passado, a condicionar o presente e projetar o futuro, desdobrando-se em uma mitologia política.

Palavras-chave: (auto)biografia; mito político; memória.

Abstract: How, why and what for the researcher can write about a man, (re)building history at a specific timelife ? Bending over the path of the man and president of the Brazilian Republic Juscelino Kubitschek, under a theoretical and methodological perspective that welcomes the links – aforesaid, unsaid and interdicted – among history, politics, culture and memory, sheds light on the blending of his and the nation’s biography, in the social imaginary, thus defining his role in the gestation, creation and diffusion of a political culture which is closely intertwined with Brazil’s modern conception. The memories and biographies on Juscelino Kubitschek – perceived as historical testimonies – make it possible for a man to represent history, bringing new meanings to a former reading, adjusting the present and projecting the future, as well as unfolding itself into a political mythology.

Key-words: (self)biography; political myth; memory.

Uma biografia de Juscelino Kubitschek?! – um dos fios da trama de nossa pesquisa¹. Entre Clio e Mnemósine – tênues fronteiras que deslizam entre as trombetas da

* Professora do Colégio Pedro II; Doutoranda em História na UERJ.

¹ A pesquisa *Juscelino Kubitschek: profeta da modernidade, arquiteto do futuro?!* está sendo desenvolvida no Curso de Pós-Graduação, nível Doutorado, em História Política da UERJ, sob a orientação da Prof^a Dra. Tânia Bessone Ferreira.

anunciação e da celebração, emoldurando o panteão dos heróis, e os cantos imortais, guardiões da cultura, (re)velando o *ser* contra as armadilhas do tempo. Um encontro feito de múltiplas ressonâncias e numerosas significações, nem sempre coerentes e tantas vezes imprevisíveis, a envolver desafios e incertezas.

Como narrar/dimensionar a ordem na desordem da vida de um homem, cuja identidade supõe a fragmentação do eu? O relato (auto)biográfico, movido pelo desejo de síntese, compreensão e transmissão da existência humana individual inscrita no tempo histórico, ambiciona *a priori* transportar a vida para o papel; o que ocorre sob a forma organizada e estilizada de um livro, contornando as descontinuidades do vivido e substituindo o *caos* experimentado pela vontade do homem de dominar o mundo e a si próprio, sem, no entanto, jamais recompô-la em sua plenitude (MAËNEN: 2001). Evoca, pois, a metáfora de um espelho partido.

Se a reconstrução da história de um indivíduo justifica-se pela dupla intenção de autenticidade e de integridade da escrita, ela tece vínculos entre o tempo da vivência e o tempo de sua (re)elaboração, em uma condição narrativa; desta forma, é invadida, permanente e silenciosamente, pelos hiatos, pelas tensões entre o alcance da ordem e da concordância *vis-à-vis* à desordem, à discordância. Tais constrangimentos não retiram da biografia a sua legitimidade para o historiador, já que as reticências, as “zonas de fratura”, as lacunas também lhe ofertam substrato e produzem novos sentidos. A biografia revisita a memória - pedra-bruta, moldada por reminiscências e sempre aberta à (re)composição. (Re)vive. (Re)cria.

A (auto)biografia de Juscelino Kubitschek não deve ser compreendida como um passeio nostálgico entre vestígios materiais e simbólicos do passado, a qual se destina a evocar o homem no “panteão” da história nacional, do mesmo modo que vence as sombras de um possível esquecimento; e, por conseguinte, garante a (re)invenção identitária desse sujeito histórico e a posse de seu drama por meio de uma racionalidade que se proclama absoluta. Ainda mais, enquanto um monólogo interior, ela gera a expectativa de que as palavras, embora não isentas de falhas e contradições, poderiam explicar a si próprio, expressar a busca pelo reconhecimento, inocentar ações e/ou opções e defender estratégias perante os outros e a si mesmo, ainda que sujeita ao escrutínio alheio. “Retrato de si” deixado à posteridade.

Transpondo esse modelo narrativo linear de uma vida, ao recontar a história de Kubitschek historiciza-se, com outro olhar, em outra temporalidade, aquele drama que esculpe múltiplas clivagens entre os desejos humanos individuais e a conduta pública. Ora irmanado às demandas da vida civilizada, ele traz à tona os dilemas do homem em torno da sua identidade; *et pour cause*, desvela uma percepção de mundo e de sociedade, na qual

realidade e sonho, vida e morte, amor e ódio, verdade e mentira, humildade e soberba, lealdade e traição, vitória e derrota, justiça e injustiça se confundiram e geraram, na intimidade, um tempo descompassado, que ofertava sentido ao tempo de vida e ia muito além daquele da presidência e seus desdobramentos.

Debruçar-se sobre a trajetória individual e pública do homem/presidente da República Juscelino Kubitschek, sob uma abordagem teórico-metodológica que acolhe os vínculos, ditos, não-ditos e interditos, entre história, política, cultura e memória, enuncia como a sua (auto)biografia se fundiu, no imaginário social, à “biografia da nação” (GRAMSCI: 2002), esclarecendo o lugar dele na gestação e cristalização de uma cultura política entrelaçada a uma idéia de Brasil moderno.

O uso da biografia e da autobiografia – tanto como fonte, quanto como objeto – então se justifica. As memórias e as diversas biografias sobre Juscelino Kubitschek, percebidas como testemunhos históricos, para além de uma história de vida, possibilitam ressignificar certa leitura do passado, a formatar o presente e projetar o futuro (SIRINELLI:1998); e prefiguram mecanismos simbólicos de construção e difusão de uma dada mitologia política. A monumentalidade do Memorial JK e as re-edições da sua imagem de grande estadista exibem uma leitura do processo histórico brasileiro fundamentada na heroificação de um homem; sujeito histórico que se integrou à memória coletiva para nela imprimir não só uma marca identitária centrada em virtudes comuns, mas, também, na pujança de suas conquistas.

A pesquisa biográfica engendra novas formas de articulação entre micro e macro acontecimentos, recupera tramas singulares, tantas vezes desconhecidas e/ou menosprezadas em face das dinâmicas generalizantes, e amplia o conhecimento sobre as sociedades humanas, sem relegar ao silêncio as determinações sociais do processo histórico — acusação esta alardeada pelos seus detratores. Desta maneira, vem sendo possível redefinir os estudos biográficos como caminho entre o indivíduo e o coletivo, o particular e o geral, o singular e o universal, construir percepções sobre uma dada realidade social e compreender como se faz representar a história através de um homem.

Ela é o melhor meio (...) de mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade e de experimentar o tempo como prova de vida. (...) A biografia é o lugar por excelência da pintura da condição humana em sua diversidade, se não isolar o homem ou não exaltá-lo às custas de seus dessemelhantes. (LEVILLAIN: 2006, 176)

Um dos desafios da biografia histórica reside em articular indivíduo/texto e contexto (ROJAS: 2000), este não como convencionalmente definido, porém como algo

heterogêneo, fluido, fragmentado, que oferece sentido aos “desvios”, aos incontáveis aspectos da vida humana. Os historiadores, por vezes, imaginaram que as trajetórias de atores sociais poderiam ser narradas à luz de um modelo que associa “uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (LEVI: 2006,169) – eis aqui o maior dilema da biografia para aqueles que nela pretendem aventurar-se. Supõe-se dar *ethos* ao relato biográfico, através da narrativa do tempo vivido, fundando a identidade do biografado, ao que subjaz uma idéia de vida como sucessão de acontecimentos correlata à premissa do sentido da existência humana (ALBERTI: 2000, 2).

Tal questão nos coloca diante do que Bourdieu (2006) denomina de “ilusão biográfica”. Porque a biografia suscita a ilusão de unidade do eu, quando narra a vida de um homem atrelada a uma lógica retrospectiva e prospectiva que exclui as suas eventualidades, senão abstrai a própria condição humana. Ao contrário! A riqueza da biografia histórica reside, justamente, na possibilidade de romper com as explicações lineares calcadas no “destino final” (MOTTA: 2000) e desvendar o complexo processo de tomada de decisões.

Reconhecendo as interlocuções entre memória e história, a transmitir, de geração em geração, experiências culturais, elaboradas e partilhadas pelos atores sociais, a pesquisa biográfica desvela visões de mundo, ações/retroações, opções políticas, decisões individuais, minuciosas e infinitas, estratégias (es)colhidas no percurso de uma vida. Porque a memória, para além do que se lembra e do que se esquece, forja a identidade do indivíduo que a evoca. Aceitando que o homem tem uma historicidade que emoldura a sua maneira de ser, estar e interagir no mundo, a biografia colima por redefinir o lugar do sujeito na história, pois toma como sua “matéria-bruta” as trajetórias daqueles atores sociais, entrelaçando, não sem dilemas, indivíduo e coletividade. Enfim, ela torna possível ressignificar vidas – acontecimentos individuais, privados e/ou públicos, e experiências de pertencimento -, bem como reconstituir o que já está invisível ao nosso olhar, mas que, em tempos pretéritos, foi, por exemplo, testemunho sonante ou dissonante das disputas de poder e das relações de força.

A perspectiva não é descobrir o que realmente aconteceu ou o que de fato houve; mas sim compreender como o autor-ator Kubitschek, que vivenciou um processo de ascensão social ditado por seus vínculos provincianos, observou, sentiu e participou dos acontecimentos que marcaram a sua trajetória e como os expressou, até a presença na vida pública brasileira e os desdobramentos. Será factível, diante disso, ampliar a compreensão sobre a cultura política, formatada pelo nacional-desenvolvimentismo, da segunda metade dos anos cinquenta, em uma perspectiva multidecenal, sob uma vertente que propõe incorporar à historiografia a história de seu representante.

Nos relatos biográficos pesquisados², um fio condutor a todos envolve: o heroísmo de um homem humilde que, a despeito das marcas do sofrimento, é um exemplo de luta e uma lição de esperança. Alicerçadas na imagem de um indivíduo heroicizado, as biografias ora privilegiam as qualidades pessoais, ora ressaltam a trajetória pública, ora descrevem as vicissitudes decorrentes da cassação, da prisão e do exílio, sem qualificarem, de um modo geral, a dimensão histórico-social de Kubitschek. Revela-se a vida de um *self made man*, cuja história *per si* permeia e legitima o discurso mítico. No conjunto, inexistente uma análise crítica aos moldes dos modernos gêneros biográficos encetados por autores estrangeiros, tais como, Jacques Le Goff (1999) e Peter Gay (1988).

Considerando que Juscelino Kubitschek teve, na década de 60, seu espaço público de expressão vetado por força da cassação imposta pelo regime militar, restou-lhe o espaço privado, enquanto *locus* de uma escrita de si (GOMES: 2004) que se concretizou com a elaboração de suas memórias³. A autobiografia de JK adquire solidez se a inserirmos em um encontro dialético entre a nova condição humana, sustentada por um desejo de privacidade e introspecção, ligado ao “fascínio do eu” (GAY:2002), e as determinações sociais, que inscrevem os laços entre indivíduo e coletivo, texto e contexto, autor e obra.

A experiência individual vitoriosa de Juscelino Kubitschek imbricou-se à mensagem do nacional-desenvolvimentismo, imprimindo nesta o selo de um otimismo unificador dos desejos de grande parte da sociedade brasileira, ainda ressentida no seu imaginário da orfandade que lhe fora imposta com o suicídio de Getúlio Vargas. E com o que se construiria o mito do homem-salvador JK, identificado a um projeto nacional que se autointitulava redentor da nação e realimentava a utopia de um Brasil grande e poderoso. Diagnosticando no atraso – tal como afirmara a desvantagem da sua inserção social de origem

² Anthony Edward Riedinger. *Como se faz um presidente – a campanha JK*. RJ: Nova Fronteira, s.d.; Carlos Heitor Cony. *Memorial do exílio*. RJ: Bloch editores, 1982; _____. *JK – como nasce uma estrela*. RJ: Record, 2002; Claudio Bojunga. *JK – o artista do impossível*. RJ: Objetiva, 2001; Francisco de Assis Barbosa. *Juscelino Kubitschek - uma revisão na política brasileira*. RJ: Guanabara, 1988; Francisco Medaglia. *Juscelino Kubitschek – president of Brazil; the life of a self made man*. New York: s/ed., 1959; Josué Montello. *O Juscelino Kubitschek de minhas recordações*. 2 imp. RJ: Nova Fronteira, 1999; José Moraes. *Juscelino, o homem, a candidatura, a campanha*. BH: Imp. Oficial de Minas Gerais, 1955; João Pinheiro Neto. *Juscelino, uma história de amor*. 2 ed. RJ: Mauad, 1995; Maria Cecília Ribas Carneiro & Hélio Silva. *Os presidentes - Juscelino Kubitschek- 19º presidente do Brasil*. SP: Grupo de Comunicação Três, 1983; Roland Corbisier. *JK e a luta pela presidência – uma campanha civilista*. SP: Livraria Duas Cidades, 1976; Ronaldo Costa Couto. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. SP-RJ, Record, 2001.

³ As *Memórias de JK* integram o projeto editorial da Bloch editores, compreendendo os anos de 1961 a 1976. Foram lançados quatro livros de JK, sendo três dedicados à sua autobiografia, quais sejam: Juscelino Kubitschek de Oliveira. *Meu caminho para Brasília – a experiência de humildade*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974, vol. I; _____. *_____- a escalada política*. Rio de Janeiro: Bloch, 1976, vol. II; _____. *_____- 50 anos em 5*. Rio de Janeiro: Bloch, 1978, vol. III. O quarto livro _____. *Por que construí Brasília ?* Rio de Janeiro: Bloch, 1975, representa uma síntese dos volumes anteriores. Juscelino Kubitschek participou do lançamento do primeiro e último volumes; o segundo e o terceiro volumes foram publicados após a sua morte.

– a gênese dos males seculares que tanto afligiam o Brasil, Kubitschek operacionalizou a vontade de ultrapassá-lo e reforçou os ingredientes essenciais à urdidura do mito político; entronizou-se onipotente e onisciente como profeta da modernidade, convertedor do desenvolvimento econômico em emancipação civilizatória e arquiteto de uma utopia, associada a um futuro realizável e próximo.

Como, por que e para quê o historiador pode escrever sobre a existência de um homem, (re)constituindo a história no tempo de uma vida? Tal indagação coloca em pauta um desafio bem maior e crucial, qual seja: a empreitada que envolve a biografia enquanto fonte e objeto de estudo da história. Ela repõe, com extrema ênfase e complexidade, os problemas clássicos que sempre permearam o ofício do historiador, porquanto o biografado cristaliza em torno de si o conjunto dos domínios que integram o campo do saber histórico. E também enuncia como os hiatos, as disjunções a envolver a vida de um homem, rompendo aqui e acolá a sua aparente unidade, perpassam, também, o processo histórico global.

Aproximar-se, através das fontes, de um ator social e alcançá-lo historicamente implica em apreender uma concepção de tempo plural, portanto, capaz de reconhecer, em um estudo biográfico, o tempo de uma vida que qualquer indivíduo – a exemplo de Juscelino Kubitschek – “traz consigo em todos os lugares e em todos os tempos” (LE GOFF: 1999, 28); abre novas perspectivas de periodização e tece articulações outras entre o tempo da história e o tempo da biografia. O compasso cronológico da trajetória de um homem se inicia bem antes de seu nascimento. Os conhecimentos, os valores, os comportamentos são adquiridos e partilhados pela vida afora sob a forte influência dos mais velhos, o que traz, para o seu tempo, o tempo dos pais; e permite elaborar uma dada maneira de perceber, sentir e intervir sobre o mundo a qual, por sua vez, evidencia o quanto é difícil escapar da herança cultural, já que os seres humanos carregam consigo os significados impressos pelo tempo e espaço em que viveram.

Se “os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas, não são apenas marcos em nossa vida privada, mas aquilo que formou nossas vidas, tanto privadas como públicas” (HOBSBAWN: 1998,14); o caráter e o ritmo das mudanças e permanências da história da República brasileira, bem como acontecimentos históricos mais ou menos relevantes soldaram o tempo da vida de Juscelino Kubitschek, transpassando e ajudando a tecer, diversa e fortemente, a infância, a juventude, a maturidade e a velhice. As fases de seu comportamento podem ser contempladas - antes e depois da partida de Diamantina, rumo à capital; antes e depois do ingresso na Faculdade de Medicina; antes e depois da entrada definitiva na vida política do país; antes e depois da conquista da presidência; antes e depois

da cassação, do exílio e da reclusão. Protagonista de um drama a ser (re)inventado. Ora à frente. Ora isolado e/ou deslocado.

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Palestra proferida na mesa-redonda “O documento em história da psicologia: o oral e o textual”, durante o III Encontro Clio-Psyché: Historiografia, Psicologia e Subjetividades – Paradigmas, realizado pelo Departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. trad. Lólio de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Introdução. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 7-22.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (dir.) *Enciclopédia Einaudi*. Anthropos-Homem. Portugal/Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, vol. 5, p. 296-332.
- _____. Utopia. In: _____. _____. p. 333-96.
- BAKER, Keith. *Introduction*. In: _____. *The French revolution and the creation of modern political culture: the political culture of the old regime*. Oxford: Pergamon, 1989, vol I, p. XI-XXIV.
- BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.349-63.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.183-91.
- GAY, Peter. *Freud – uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. *O século de Schnitzler – a formação da cultura da classe média (1815-1914)*, trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força – História, retórica, prova*. trad. Jônatas Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOFF, Jacques Le. Memória. In: ROMANO, Ruggiero (dir.) *Enciclopédia Einaudi*. Memória-História. Portugal/Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, vol. I, p. 11-50.
- _____. *São Luís - biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita de história: a título de prólogo. In: _____. (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2004, p.7-24.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. O Risorgimento – notas sobre a história da Itália*. Trad. Luiz Sérgio Henrique. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JOUTARD, Ph. Mémoire collective. In: Burguière, André (org.). *Dictionnaire des Sciences Historique*. Paris: PUF, 1986, p. 447-49.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 167-82.

- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 2006, p. 146-84.
- MAËNEN, Florence Bancaud. Le journal de Kafka ou l'autobiographie fantôme. In: LEJEUNE, Philippe & VIOLLET, Catherine (dir.) *Genèses du "je" – manuscrits et autobiographie*. Paris: CNRS editions, 2001, p. 137-53.
- MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*, Santa Maria (RS), nº 34, p.101-122, jul./dez. 2000.
- ROJAS, Carlos Antonio. *La biografía como género historiográfico - algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales*. In: SCHMIDT, Benito. *O biográfico – perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 9-48.
- SIRINELLI, Jean-François. Elogio da complexidade. In: RIOUX, Jean-Pierre & _____. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 409-18.
- _____. Les cultures politiques. *XVIII Congrès des Sciences Historiques – Actes. Montreal*: Comité International des Sciences Historiques, 1995, p. 476-8.